



JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores

ANO XIII, nº 101, junho/julho 2020

JERUSALÉM

Raquel Naveira

Amigos mostram-me fotos de sua recente viagem a Jerusalém, a capital de Israel, a cidade santa e sagrada para cristãos, judeus e muçulmanos: as montanhas, o Mar Morto, a Igreja do Santo Sepulcro, a Tumba do Jardim, a Cúpula da Rocha, o Portão do Algodão, o Muro das Lamentações. Tudo tão belo, antigo, caído, luzindo a ouro e lampiões.

Há muito tempo, li um dos épicos clássicos mais lindos da literatura universal: *Jerusalém Libertada*,

do italiano Torquato Tasso, publicado em 1581. São vinte cantos narrando a Primeira Cruzada, onde os cavaleiros cristãos, liderados por Godofredo de Bulhão, combatem os muçulmanos a fim de levantar o cerco de Jerusalém. O poema tem essa base histórica, factual, elaborando o episódio ocorrido em 1099. Teve grande repercussão em sua época, pois o Império Turco Otomano estava se expandindo e representava uma ameaça de invasão para a Europa. Uma característica

marcante da obra é o choque entre as emoções, os impulsos do coração e a necessidade de colocar o dever acima de tudo. Esse impasse atinge seu auge no amor infeliz entre Tancredo, um cristão, e Clorinda, uma muçulmana guerreira. O livro é atual, cinematográfico, cheio de plasticidade, com cenas realistas de duelos, batalhas, cavalos, espadas, cabeças e membros voando. Momentos de sangue e confronto misturados com compaixão.

Continuação na página 4

SONETO DE FIDELIDADE, 80 ANOS

*Jeová Santana**

O ano passado, quatorze versos e quatro estrofes, que enfeixam cento e três palavras, passaram imunes a holofotes e homenagens, apesar de terem chegado a uma idade singular: oitenta anos. Sim, há exatas oito décadas, mais precisamente em outubro de 1939, na cidade de Estoril, “uma antiga freguesia no concelho de Cascais”, em Portugal, Vinicius de Moraes compôs aquele que é um dos seus poemas mais conhecidos, o “Soneto de fidelidade”, inserido no *Livro de sonetos*, cuja primeira edição deu-se em 1957. No volume, trinta e cinco sonetos, aos quais seriam acrescentados mais vinte e cinco na segunda edição dez anos depois.

Vale ressaltar que, para a fama do texto que me motivou essas linhas, contribuem não só a estética, mas também as inúmeras declamações feitas pelo Poetinha, no palco e em disco, entremeadas com a música “Eu sei que vou te amar”, parceria com Tom Jobim. Não nos esqueçamos, também, do auxílio valioso de outras vezes em diferentes cenários por onde transitam atores, atrizes e cantoras como Maria Bethânia.

Pode-se pensar que a economia espacial desse tipo de poema seja o principal fator para sua circulação, visto que ela facilita ser guardada nos escaninhos da memória. Mas não deve ser só isso. Fosse assim, os duzentos sonetos deixados por mestre Camões seriam tão populares quanto o seu “Amor é fogo que arde sem se ver”, que se faz presente na memória de muitos por meio da experiência escolar. Mais recentemente, no Brasil dos anos 1990, recebeu uma ajuda poderosa, principalmente entre os jovens, por ter sido musicado quase por inteiro (além de breves supressões, faltaram dois versos) como complemento à música “Monte Castelo”, da banda Legião Urbana (1989).

A citação a Camões não é gratuita, pois Vinicius de Moraes, ao pensar sobre o Amor, põe-se em diálogo com o vate português, autor, como se sabe, do maior poema em língua portuguesa, o portentoso *Os Lusíadas* (1572). É no poder das palavras, portanto, que se deve buscar a explicação para a permanência dos quatorze versos de um e do outro. Nessa pegada, vale conjecturar que os do poeta carioca terão a mesma longevidade dos criados pelo poeta luso, que nos dizem tanto do alto de seus cinco séculos.

Se Camões nos deu, até agora, uma definição imbatível sobre o sentimento que nos coloca acima da condição animal e, lembrando Dante, outro poeta visceral, “move o céu e as estrelas”, Vinicius não deixa por menos ao refletir e apontar a possível saída para o maior dilema dessa sensação cantada em prosa e verso, visto que o ser que o carrega é apenas, voltando a Camões, um “bicho da terra tão pequeno”, marcado, ainda, por sua inexorável finitude.

Como é usual nessa forma poética, a primeira estrofe deve apresentar uma espécie de “tese”. Na segunda, são postos alguns contrapontos para se chegar a uma síntese nos tercetos. Vale notar que o eu lírico criado por Vinicius projeta para o futuro a possibilidade de se resolver o impasse para o qual parece não haver solução no tempo presente. Isso se dá tanto pela presença do tempo futuro “serei” quanto pelos índices que marcam a intensidade, com os pronomes “tudo” e “tanto”, e a fluidez com os advérbios “antes” e “sempre”. Tudo fica, portanto, no caminho da promessa, uma espécie de antecipação das possíveis tentações se surgir outro “maior encanto”, contra o qual a voz lírica pretende bater-se.

Continuação na página 4

O BRASIL NA VISÃO DE UM BÚLGARO

Rumen Stoyanov

Na bandeira brasileira está escrito “Ordem e Progresso”. Se eu fosse rei, ou seja, se essas palavras dependessem de mim, iam ser “Alegria e Progresso”, e corresponderiam com maior exatidão ao que o Brasil é, ao menos para mim. Muitíssimo mais ordem há no Japão, na Suíça, na China, Alemanha. Porém lá não há num grau tão excelente e fascinante a alegria brasileira de viver. Muitas coisas ouvi e vi no Brasil, muitas delas esqueci. Mas lembro como no Câmpus Darcy Ribeiro estavam fixados grandes cartazes de cores com um apelo acadêmico fora do comum: “Sorria! Você está na UnB!” Achava e continuo achando que esse chamamento é admirável. Hoje o Brasil está entre as primeiras economias nacionais. Geopolítico, economista, politólogo não sou e talvez por isso considero que, apreciado desde fora e não desde dentro, o produto mais importante na exportação brasileira, sem menosprezar aviões, café, soja, suco de laranja etc., é a alegria, a alegria apesar dos problemas ainda não resolvidos, principalmente na distribuição da renda e na justiça social. O Brasil está dando para a humanidade um exemplo magnífico de como um impressionante avanço econômico pode ser atingido com alegria, com carnaval, samba, frevo e não apenas com uma disciplina laboral dura e finanças rigorosas.

Continuação na página 3

O BABA NA BAHIA

Marcelo Torres

João Ubaldo Ribeiro, escritor, imortal da Academia Brasileira de Letras, baiano de Itaparica e torcedor do Vitória, sempre colocou o “idioma baianês” na fala de seus personagens.

No romance “Sargento Getúlio”, por exemplo, há um trecho em que o narrador reclama: “No meio daquele baba todo, o homem querendo fazer discurso”. E lamenta: “Perdemos dois votos no baba”.

Se você não é baiano, talvez esteja a estranhar a palavra baba no masculino. “No meio daquele baba”, “perdemos dois votos no baba”. Deve estar aí se perguntando: “Mas que diabo é esse baba?”

Na Bahia, amigo, a coisa mais comum do mundo é você chamar: “Bora bater um baba”. De todo modo, vamos analisar esta frase a partir das três palavras começadas com a letra “b”.

“Bora”, outrora, era “vamo-nos em boa hora”. Por corruptela, sofreu variações na fala coloquial em muitos lugares do país para vambora, rumbora, vamimbora e muitas outras.

Já o verbo “bater” nos oferece mil e um significados. No futebol, então, é que é uma festa: bater lateral, por exemplo, é fazer um arremesso manual; bater um pênalti é fazer a cobrança de um tiro penal; bater de primeira é chutar a bola assim que ela chega.

Tem mais: bater a carteira é roubar (tomar) a bola do adversário; bater roupa é quando o goleiro não segura a bola e esta escapa de suas mãos; bater na trave, dizem os narradores românticos, é quando a bola caprichosamente beija a baliza.

Tem vez que a bola bate na mão. Tem vez que é a mão que bate na bola. Bater canela é se atrapalhar. E tem outro uso muito comum: “São Paulo bate Palmeiras nos pênaltis”. Há o bate-boca, o bate-bola, o bate-rebate — enfim, no futebol, bater é batata.

Agora vamos à palavra “baba”.

Em consulta ao pai-dos-burros, este oferece pelo menos dez significados para o verbete: é a saliva que escorre — como baba de criança ou baba de cachorro; é aquela substância viscosa que há em certos vegetais — como a baba de quiabo. Diz-se, também, que é algo muito fácil e barato. “Paguei uma baba”, ou seja, pagou uma pequena quantia, uma bagatela, uma nonada, como diria Guimarães Rosa.

E outro dia, em Brasília, chamei uns amigos: “Bora bater um baba”.

— “Bora bater” é “vamos comer” — disse o brasileiro, que lida com amigos de outros sotaques. — Você está nos convidando para comermos um prato típico da Boa Terra? — Não — respondi a ele, que deve ter associado baba a quiabo, e este a caruru.

— Seria bater um tambor? — indagou um timorense. — Lá no Timor, baba é um tambor. Estás a nos chamar para batermos um tambor?

— Não — tornei a dizer.

— É coisa de candomblé? — agora era a dúvida de um cidadão nascido no Rio de Janeiro, cidade onde há muitos terreiros. — Baba é pai de santo — emendou ele, misturando babalorixá, pai de terreiro, líder de centro de umbanda etc. etc.

— Baba, na Bahia, é apenas uma partida de futebol entre amigos — expliquei. — É aquilo que vocês chamam de “pelada”. É como se eu lhes chamasse: “Vamos jogar uma pelada”.

— Bora — eles disseram sorrindo e já perguntando quando e como e por que surgiu o termo baba.

— Não se sabe como nem quando nasceu essa expressão — respondi, e passei a falar diversas outras frases idiomáticas locais que trazem o baba pelo meio.

Quando, por exemplo, uma partida de futebol profissional está cheia de chutões, sem qualquer técnica, aí nós reclamamos: “Que baba é esse?” É como se disséssemos “que jogo feio da p...” (esse palavrão que é sagrado na Bahia de Todos os Santos).

E sempre estamos a falar coisas como “empatar o baba”, “enterrar o baba”.

Quando falamos “Lá vem você querer empatar meu baba”, queremos dizer que a outra pessoa está querendo nos criar dificuldades, atrapalhar nossos planos.

Se falamos “Fulano enterrou meu baba” é porque Fulano teve atuação desastrosa e pôs o jogo a perder: “O goleiro tomou um frango e enterrou nosso baba”, ou seja, o frangeiro sepultou nossa chance de vitória.

E por falar em vitória, por falar em baba, lembro, com tristeza, que o meu Vitória vive a pior crise em 64 anos de futebol profissional, ficando de fora da Copa do Brasil, fora da Copa do Nordeste e fora do campeonato baiano. Campeonato baiano que neste domingo, no estádio Joia da Princesa, em Feira de Santana, começou a ser decidido entre dois xarás: o Bahia e o Bahia de Feira. Ou seja, a final este ano não é o tradicional Ba-Vi — tão previsível como o Grenal, o Atletiba e o Galo contra a Raposa.

Na Bahia, este ano, a decisão do campeonato é um Ba-Ba — ou um Ba-Ba-fei — tendo em vista que é Bahia x Bahia de Feira.

E antes que os coirmãos tricolores digam que isso é intriga e inveja da minha parte, prometo que quando houver uma decisão entre os outros dois homônimos — Vitória x Vitória da Conquista — eu não terei problema algum em chamar o jogo de Vi-Vi. Ou um Vi-Vi da Bahia, para não confundir com o Vi-Vi de Portugal, o duelo entre o Vitória de Setúbal e o Vitória de Guimarães.

Ah, sim, o Ba-Ba deste domingo no Joia da Princesa terminou empatado em um a um.

Soneto do Mês

SONETO

José Albano



Poeta fui e do áspero destino
senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
e sempre andei errante e peregrino.

Vivi sujeito ao doce desatino
que tanto engana mas tão pouco dura;
e inda choro o rigor da sorte escura,
se nas dores passadas imagino.

Porém, como me agora vejo isento
dos sonhos que sonhava noute e dia
e só com saudades me atormento;

entendo que não tive outra alegria
nem nunca outro qualquer contentamento
senão de ter cantado o que sofria.

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F - Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 - Brasília - DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1º Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha
Secretária-Geral: Sônia Helena
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2ª Secretária: Noélia Ribeiro

1º Tesoureiro: Salomão Sousa
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretor de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretora de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 101 – junho/julho 2020

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e
Fabio de Sousa Coutinho

Diagramação

Bruno Eustáquio

Impressão: Editora Otimismo Ltda.

SIBS Qd. 3 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante - Brasília - DF - CEP: 71736-303
(61) 98625-2636 / 3386-0459 - grupoeitoraoitimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

UMA PÁGINA ESQUECIDA DE DA COSTA E SILVA

A Alberto da Costa e Silva

M. Paulo Nunes

Em sua conferência pronunciada em 17 de agosto de 1969, na Academia Piauiense de Letras e intitulada *A Minha Academia*, Cristino Castelo Branco dá o seguinte depoimento sobre a posse de Da Costa e Silva:

“Em janeiro de 1923, por ocasião das festas comemorativas do centenário da independência política do Piauí, Da Costa e Silva veio ao Piauí tomar posse da sua cadeira na Academia. Hospedou-se no Palácio do Governo, com o então governador João Luís Ferreira, solteirão, meio boêmio, que gostava de andar altas horas da noite, a pé, em companhia de um amigo, pelas pontas de rua da cidade. A pedido do governador, o poeta escreveu, na oportunidade, o Hino do Piauí, oficializado por lei do Estado, pouco depois”.

Informa, a seguir, que o poeta tomou posse numa das sessões mais concorridas e solenes de nossa agremiação. Fez o elogio do patrono, o Padre Leopoldo Damasceno Ferreira, nascido em Oeiras e que exerceu o seu magistério eclesiástico em São Luís do Maranhão, aplaudido como poeta, professor, jornalista e orador eloquente. Acrescenta que o discurso com que saudou o ilustre recipiendário foi publicado no nº 24 da *Revista da Academia*, que saiu em maio de 1924. O discurso

do poeta, entretanto, voltou com ele e nunca foi publicado.

Este mistério, ou seja, o desconhecimento completo do paradeiro do discurso do poeta acaba de ser desvendado, de maneira fortuita, conforme conto a seguir:

Ao agradecer-me a oferta de meu livro *Tradição e Invenção*, recentemente publicado, o romancista Josué Montello, cuja amizade cultivo há muito tempo, mandou-me de presente, “uma lembrança minha, para os seus guardados”, conforme expressão sua, o recorte da publicação de um artigo de Da Costa, no *Correio da Manhã* de 16 de novembro daquele ano de 1923, dando notícia de sua posse na Academia e fazendo o elogio do patrono por ele escolhido. Trata-se, ao que suponho, do resumo do famoso e desconhecido discurso do poeta, ou mesmo do próprio discurso, pois compreende um perfeito estudo biográfico e crítico da personalidade do cónego, detendo-se o novo acadêmico, especialmente, no comentário de sua obra lírica, das de mais forte inspiração, conforme se depreende do primoroso soneto por ele comentado e a seguir transcrito:

“Ah! por que, quando acaso me visitas; / Em tanto aroma a tua boca embebes? / Cheiras mais

que os jardins, mais do que as sebes / – Cheias de laranjais, de heras avitas...

E por que, quando ardente olhar me fitas, / E em troca o meu olhar triste recebes, / Tens no teu tanta luz e aos sorvos bebes, / Transformando-as em sóis, minhas desditas?

Perfume e luz, fulgor de aurora e flores, / Eis o que és tu! Mas eu, que nunca tive / Nem luz que me guiasse, nem olores, /

A respirar eu vivo como vive / Um proscrito a curtir acerbas dores / Finjo que ao pé de ti jamais estive...”

Em relação ao sentimento lírico expresso neste e em outro soneto do sacerdote, transcritos naquela peça literária, diz-nos o poeta: “*Esse padre, que todos afirmam era um crente convicto e um sacerdote virtuoso, teve, sem dúvida, como o poeta Anvers, o seu segredo n’alma e o seu mistério na vida. Teve, como todo poeta, a aparição divina de uma sombra de mulher, nos caminhos incertos da existência...*” como aquele soneto denuncia.

Essa famosa peça literária não ficará comigo como desejaria o amigo Josué Montello. Passei-a, é claro, ao arquivo de nossa Academia e será também publicada no próximo número de nossa *Revista*, cuja edição está sendo por mim coordenada.

O BRASIL NA VISÃO DE UM BÚLGARO

Rumen Stoyanov

Continuação da página 1

Levando em conta esta característica essencial da gente brasileira, a alegria, me permito dizer que a economia do país, num sentido sumamente positivo, é de carnaval, entenda-se uma combinação peculiar entre uma economia bem-sucedida e a alegria de carnaval, uma confirmação convincente de que essas duas coisas não são obrigatoriamente incompatíveis, mas podem estar unidas, evitando a robotização dos homens. Numa época em que uma considerável parte do mundo está mergulhada em crise econômica, ela quase está passando ao lado do Brasil. Para esta feliz circunstância a alegria de viver será que influi? Como? Sem entrar em razões, detalhes, pois não é este o lugar, na minha opinião o vínculo entre a alegria e o notório progresso econômico está no pensar e agir não seguindo preceitos importados, senão usando a própria cabeça, e os resultados positivos estão presentes.

Falando no surpreendente salto econômico (que é igualmente tecnológico) do Brasil, ele é, sem exagerar, o milagre nacional, porém o segundo. O primeiro é a não fragmentação do território após a proclamação da independência. A herança espanhola na América virou pedaços, o Brasil conservou completamente sua integridade.

Depois do fim do Muro de Berlim o mundo entrou sob o signo dum hegemonismo unipolar. Isto não é bom para a humanidade, é mais saudável que ela exista nas condições de pluripolaridade. E é neste plano que o Brasil tem um papel importantíssimo para a superação da unipolaridade cultural. Os Estados devem caminhar não atrás dum líder, qualquer que seja ele, mesmo supervirtuoso, senão um ao lado de outro, e cada um chegue até onde puder. Seguindo esta linha de raciocínio é de acrescentar que toda comunidade nacional tem seu lugar e sua participação no recusar ou aceitar as consequências negativas do globalismo que esmagam as diferenças locais, mas este papel é um tratando-se dum país cujos habitantes cabem no Maracanã e totalmente outro se é um país quinto em extensão e população e sexta economia. É neste sentido que o Brasil, não importa se tem consciência e se aspira a tal objetivo, com seu potencial humano, natural, econômico, com seu folclore, cultura em geral, é uma das maiores esperanças da humanidade de que ela construirá um mundo mais sensato e melhor.

Sinto satisfação em dizer que há dezenas de anos venho divulgando valores literários e culturais dum povo cujos soldados não têm queimado com bombas

atômicas e napalm pessoas vivas, que de um modo modestíssimo apoio um Estado cuja política exterior é insistentemente pacífica.

Me é grato igualmente que a presente outorga de título coincida com cinco aniversários: 110 anos do nascimento de Drummond, 110 anos do primeiro livro búlgaro sobre o Brasil, 90 anos do modernismo brasileiro, 50 anos da UnB e 20 anos de filologia portuguesa na Bulgária.

Em sinal de gratidão para com a UnB, ofereço à Biblioteca uma doação de livros que traduzi e prologuei e de que meu filho Momchil fez as capas.

Lembro dois versos cantados por Vinicius de Moraes: “É melhor ser alegre que ser triste, / alegria é a melhor coisa que existe”. (A propósito, o hino da União Europeia é “Ode à alegria”.) Quanto a alegria o Brasil é o indiscutível campeão mundial e de todo o coração desejo-lhe que continue invencível, com um crescente bem-estar do povo.

(Do discurso pronunciado ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília.)

JERUSALÉM

Raquel Naveira

Continuação da página 1

Agora, chega às minhas mãos esse outro livro de poemas, belo de doer: *Terra e Paz*, de Yehuda Amichai. Yehuda nasceu em 1924 na Alemanha, com o nome de Ludwig Pfeufer, em uma família judaica ortodoxa. Em 1935, perto da Segunda Guerra Mundial, migrou para a Palestina, onde, na maioridade, trocava o nome para Yehuda Amichai, adotando assim uma identidade hebraica, que afastaria a lembrança dos sofrimentos e humilhações do passado. É considerado o poeta nacional de Israel. Morreu em 2000, em Jerusalém. Que rica produção poética! A cultura e a tradição judaicas ganham uma leitura renovada, misturada a temas da intimidade amorosa, da guerra e da paz.

É a partir de Jerusalém, sua cidade-mundo, umbigo do planeta, sua casa, que o poeta e professor revê a história, a matéria de sua escrita. Na sua poesia convivem o diálogo com o passado bíblico, cenas cotidianas e contemporâneas, erudição misturada com simplicidade. Ah! Como pulsa humana e divina Jerusalém em sua poesia: “No céu da Cidade Velha/ há uma pipa./ No fim da linha/ um menino,/ que eu não vejo/ por causa da muralha.” Ainda contemplando a Cidade Velha: “Carpideiros de dias santos nós somos, gravadores de nomes em qualquer pedra,/ infectados de esperança,/ reféns de governos e da história.” Refere-se aos turistas com ironia. Diz que eles “ficam sérios diante do Muro das Lamentações”, mas “dão risadas atrás das cortinas pesadas nos quartos de hotel”, fotografam-se com mortos importantes no Túmulo de Raquel e na Colina da Munição.

O poeta reconhece que Jerusalém é uma “grande bomba-relógio”, cheia de estilhaços, de pedaços

das Tábuas da Lei, de altares, de cruces e cravos de crucificação enferrujados, de utensílios domésticos e sacros, de ossos, de sapatos, de óculos, de dentes, de latas vazias do veneno destruidor.

A tradução de Moacir Amâncio é primorosa com explicações sobre os nomes hebraicos, os costumes, as festas de *Pessach* (Páscoa), *Shavuot* (Das Colheitas ou Primícias), *Sucot* (Cabanas), *Chanucá* (Luzes). Pairando no presente, as saudades do passado e do futuro.

Jerusalém, cidade destruída várias vezes, sitiada, minada, atacada, capturada, recapturada. É cidade dual, multifacetada, de onde, segundo os muçulmanos, Maomé fez sua viagem noturna de ascensão aos céus, contada no *Alcorão*. A Palestina reivindica partilha. Fogo cruzado. Ataques terroristas na Faixa de Gaza deixam centenas de mortos. Nesse conflito israelo-palestino há laços fortes de parentesco. Necessidade urgente de um Tratado de Paz.

Os Estados Unidos, em 2017, reconheceram Jerusalém como capital de Israel e anunciaram a transferência da embaixada para lá. O governo brasileiro, desejando aproximação com parcerias em tecnologia e segurança, numa guinada arriscada para o comércio brasileiro com os países árabes, visitou Israel. Com cuidado, o Brasil, deve, ao mesmo tempo, dar as mãos a Israel e preservar sua neutralidade. Um jogo que exigirá tato e sabedoria de nossos diplomatas.

Jerusalém guarda um mistério apocalíptico. A Nova Jerusalém Celeste é revelação, profecia, anúncio do fim desde o começo. Será um lugar de alívio para os cansados e oprimidos por dores, injustiças e sofrimentos. Um lugar de alegria eterna. Um anjo medirá o quadrado da cidade, que será clara como vidro. Os portões serão

de pérolas e as muralhas de jaspe e outras pedras preciosas. O único templo será o próprio Deus. A cidade não precisará de sol, nem de lua, nem de candelabros. As nações trarão seus tesouros. O rio da água da vida correrá na rua principal. “Tudo será bendito na Nova Jerusalém” – é o que penso, enquanto sorrio para os amigos, que me trouxeram fotos de Jerusalém.

ERA UM ESPELHO

Abgar Renault

Era um espelho aberto no meu sono,
e nele vi, qual se um punhal me visse,
a forma e, nela, o gosto, o cheiro, a cor
de mar em concha e de sanguínea flor
por cuja posse baixam sol e trono;
rubra concavidade e superfície
na mão, no olhar, na boca e em cada osso,
era um caminho, uma floresta e um poço
com sua água de fogo e fantasia,
de onde jorra a tormenta que alumia
e traz a treva em único relâmpago.
De contemplar a fulgurante rampa,
coroa tive – e cetro, e fui meu dono;
fechado o espelho, aberta a escuridade,
vagueio entre os penedos do meu sono,
acesos de esperança e de saudade.

SONETO DE FIDELIDADE, 80 ANOS

Jeová Santana*

Continuação da página 1

A projeção para o futuro também atravessa a segunda estrofe, mediada pelo “Quero vivê-lo” e pelo “hei de espalhar”, acompanhada pelo desejo de valorar tanto o intenso quanto o ínfimo do “vão momento”. O compromisso da parceria coloca a vontade de conciliar os possíveis reverses com a vontade de superação por meio da arte, do “canto”. O “humano demasiado humano” entra em cena mediante o poderoso jogo de antíteses: “riso” x “pranto”, “pesar” x “contentamento”.

É nos tercetos que Vinicius usa toda a sua capacidade criativa. Utiliza-se de expedientes linguísticos que sugerem uma espécie de saída ou consolo para um dos maiores dilemas na relação amorosa. Essa deve ser valorizada pela intensidade ou pela duração? Ou seja: o que pesa mais: um casamento de vinte anos ou uma paixão avassaladora durante um Carnaval em Olinda?

A opção do poeta revela duas leituras. Primeiro, a constatação da brevidade da nossa passagem por este vale de sangue, suor e lágrimas, sob a qual paira, irrefreável, “a morte, angústia de quem vive”. Segundo, a impossibilidade da comunhão plena, na medida em que, no geral, um dos pares partirá antes, a não ser que ambos desapareçam envoltos numa

mesma fatalidade ou por meio de pactos à la Romeu e Julieta. Diante disso, só lhes resta a inevitável “solidão, fim de quem ama”.

A resposta a essa dúvida crucial soa não só como uma forma de aceitação do inevitável, mas também como uma margem já que, na visão do poeta, é a valoração do agora que deve permanecer para servir de anteparo aos desvios e tensões que nos aguardam inevitavelmente no futuro. Neste, a possibilidade da solidão faz-se presente com a sutileza da referência ao amor como uma ação do passado: “(que tive)”. A presença dos parênteses aprofunda ainda mais a tensão, pois na linha do presente, o amor vive sob a marca do efêmero, “posto que é chama”.

Além da qualidade estética, cabe uma nota gramatical em relação a este célebre “posto que é chama”, relatada por José Castello na biografia *Vinicius de Moraes* – O poeta da paixão (2005, p. 109). Vinicius contraria dona norma culta e usa “posto que” no sentido de explicação e não de concessão, o que lhe rendeu um puxão de orelha por parte de Aurélio Buarque de Holanda. Com essa variação, segundo ele, Vinicius esculhambara seu dicionário. O poeta retruca que a inversão deveu-se a razões de métrica e som. Além disso, sai-se de modo

taxativo do embeleco com o competente caçador de palavras alagoano: diz ser apenas “um poeta, não um gramático”. O interessante é que, querendo ou não, ele antecipou uma tendência pois, nos dias que correm, “posto que” é usado como “porque” a torto e a direito.

Enfim, o importante é lembrar que o legado desse pequeno grande poema, em torno do sentimento que nos põe acima da precariedade da carne, não deixa de ser um imenso consolo. Essa perspectiva fica ainda mais sólida quando nos lembramos, por exemplo, da terrível imagem que Walter Benjamin extraiu do quadro “*Angelus Novus*”, de Paul Klee, no qual, na leitura do filósofo, o personagem mirífico viaja de costas para o futuro e vê o passado como um “amontoado de ruínas” (2012); ou da canção “Futuros amantes”, de Chico Buarque (1993), em que o amor é posto como o maior legado, caso a barbárie ou a natureza deem fim à civilização. Assim, resta ao homem, enquanto estiver no tempo-espço de sua única vida, apropriar-se do amor e curtir, “enquanto dure”, seu fulgor temporário.

Saravá, Vinicius!

* Escritor e professor titular da UNEAL
– Universidade Estadual de Alagoas

BUMBA MEU BOI, LUNDU E SAMBA

Danilo Gomes

Em 11-12-2019, a Unesco (órgão cultural da ONU) reconheceu como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade o Bumba Meu Boi do Maranhão, tradicional celebração daquele estado que une o Nordeste ao Norte do Brasil.

O anúncio foi feito em Bogotá durante a reunião da Unesco, que é a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. O Brasil ficou feliz com a boa notícia. De minha parte, sou fã antigo do Bumba Meu Boi. Meu Boi Bumbá. Mineiro gosta de boi e boiada: Grande Sertão, veredas, sagaranas.

Considerado um Complexo Cultural por congrega performances dramáticas, musicais e coreográficas e manifestações como artesanatos, bordados do couro de boi e indumentárias dos personagens, instrumentos musicais, etc., o maravilhoso Bumba Meu Boi já havia sido reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil, em 2011, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, fundado pelo grande brasileiro Rodrigo Melo Franco de Andrade, com a ajuda do ministro Gustavo Capanema.

O Bumba Meu Boi agrega, em seus festejos de grande apelo popular, a devoção aos santos juninos João, Pedro e até Marçal, pouco conhecido. Mas se vincula também a cultos religiosos afrobrasileiros do estado do Maranhão, como o Tambor de Mina (e me lembro da cidade de Codó, que conheci no tempo do governo do presidente José Sarney, escritor e acadêmico) e o Terecô.

Conforme a tradição, o que acontece é um sincretismo entre os santos da hagiologia católica e os orixás, voduns e encantados que reclamam e exigem um boi como obrigação espiritual, fenômenos que vêm dos arcanos. A figura mitológica do boi dançante é um encantamento nesse teatro popular de coreografia, espiritualidade, folclore e música.

Aqui em Brasília tivemos o famoso e saudoso Seu Teodoro, entusiasta divulgador do Bumba Meu Boi. Figura inesquecível do nosso melhor folclore, a quem rendo minhas homenagens.

Há uma lenda do século XVIII que nos traz a figura de Catirina que, grávida, sentiu desejo de comer a língua do boi mais valorizado da fazenda maranhense onde trabalhava. Para agradar à “patroa”, um tal Pai Chico matou o boi de estimação, o que causou a raiva de seu patrão. Armou-se um banzé. Com o adjutório de seres mitológicos, o boi ressuscitou, para a felicidade geral. A partir da lenda, veio a cativante narrativa.

Não é a primeira vez que um bem brasileiro integra a lista da Unesco. O Complexo Cultural do Bumba Meu Boi é o 6º bem brasileiro a compor a lista internacional. Já foram contemplados os seguintes:

- A Arte Kusiwa-Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi (2003)
- O Samba de Roda no Recôncavo Baiano (2005)
- O Frevo: expressão artística do Recife (2012)
- O Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará (2013)
- A Roda de Capoeira (2014)

Voltemos ao Samba de Roda no Recôncavo Baiano. O samba, marca do Rio de Janeiro, de Donga

e Cartola, de Noel e Pixinguinha, de Tom e Vinicius, é tido como a expressão máxima da música popular brasileira, no mundo inteiro. Mas, no século XIX, o ritmo emblemático do nosso país era o lundu (ou lundum), de raiz genuinamente africana. O tema foi abordado em grande estilo pelo escritor paraense José Veríssimo (um dos melhores amigos de Machado de Assis), em seu livro “Cenas da vida amazônica”, que tanto estimo e ao qual sempre volto. A edição **princeps** surgiu em Lisboa, em 1886, de tal forma mal produzida que o autor a execrava.

Dessa notável obra tenho duas edições: uma, da Martins Fontes, SP, 2011, organizada por Antônio Dimas, autor de excelente e longo ensaio introdutório; outra, da Universidade do Estado do Pará, 2013, com prefácio de José Guilherme Castro e valioso ensaio crítico de Maria do Perpétuo Socorro Gomes Avelino França. São duas preciosas edições de um livro clássico, cujo autor foi elogiado por Machado de Assis e outros notáveis. José Veríssimo é o autor de uma “História da Literatura Brasileira” e outras obras.

O samba não era ainda a música, o ritmo brasileiro consagrado. Ainda estávamos longe da “Aquarela do Brasil”, de Ari Barroso. O trono era do lundu – ou lundum – que os escravos africanos trouxeram d’além mar, com toques de luxúria. Destaco o conto “O lundum”, de José Veríssimo. À pág. 246 da edição da Martins Fontes o autor se esparrama:

“A viola e a flauta puseram-se de acordo e tocaram o lundum. Nápoles tem a tarantela; o Aragão tem a jota; a França tem o cançã; a Espanha tem o bolero; Portugal tem o fado; Montevidéu tem o fandango; o Brasil tem o lundum. O lundum, creio, nos veio pela Bahia. Tem o seu tanto de africano. Depois espalhou-se no Brasil. O cateretê, o chula e outras danças são suas filhas. O lundum é uma dança que admite todas as outras.”

Em 1881, numa viagem a Minas Gerais, com a Imperatriz D. Teresa Cristina, o Imperador D. Pedro II foi ao povoado de Lagoa Santa, perto da futura Belo Horizonte. O erudito monarca fora visitar o sítio onde morara por muitos anos o cientista paleontólogo dinamarquês Peter Lund, um esquisitão que amava grutas e Pré-História. Ele morrerá um ano antes.

No seu Diário, D. Pedro II escreve sobre o episódio e registra que a mulher de Nereu (o filho adotivo de Lund) “cantou agradavelmente” o lundu afromineiro.

No livro “Crônicas Mineiras” (SP, Ática, 1984), na minha crônica “O tesouro de Peter Lund”, escrevi, à pág. 27:

“Sim, é verdade. Nereu dedilhou logo o violão, tocando com gosto para o Grande Ioiô que mandava no Brasil. A irmã, de “voz agradável e bem afinada” (escreve o Imperador) solfejou lá seu repertório mais caprichado. E a mulher de Nereu “cantou agradavelmente” o lundu mineiro **Quero me casar, quero me casar**, certamente com aqueles sensuais meneios de quadris e as umbigadas de praxe, perenizados nas gravuras de Rugendas. Não é invenção, não – está no **Diário de Viagem de D.**

Pedro II a Minas, publicado no Anuário do Museu Imperial de Petrópolis. (...) Depois ainda dizem que Minas só tem queijo, banco e político manhoso!”

Segundo o dicionário enciclopédico Koogan/Houaiss, o lundu (ou lundum) é “uma dança rural de origem africana, acompanhada de cantos”; “canção, música, em geral de caráter cômico ou picaresco”.

Então, nessa sarabanda de ritmos ficamos assim: o samba suplantou o lundu como marca da música popular brasileira e ainda deu uma cria chamada bossa-nova, com variações que chegam ao harmonioso e refinado compositor e cantor Guilherme Arantes. O Bumba Meu Boi do Maranhão ganhou foros de fama internacional. Falta agora a Unesco voltar sua atenção (como observou o jornalista Vicente Limongi Netto) para o Bumba Meu Boi de Parintins, Amazonas, um grandioso espetáculo que atrai turistas do mundo inteiro.

Sobre os tradicionais festejos de Parintins, o prosador, poeta, professor universitário, homem de rádio e TV Paulo José Cunha publicou dois livros: “Caprichoso – a Terra é azul”, de 1991, e “Vermelho – um pessoal garantido”, de 1998. (Cf. “Dicionário de Escritores de Brasília”, de Napoleão Valadares, André Quicé Editor, 2012, 3ª ed.)

SAL

Mardson Soares

É o sal
o sol maior
desta aleluia

Sobre os sais
pisam florestas
e estátuas
em equilíbrio

Joaninhas
vêm dos fios
das nuvens
em vertical

E trazem o
rubro
aos sais

É o sal
o tom das eras
e hortaliça

Lira da Verdade
e comenda ao mar

Ó Sal!

Oferenda aos homens
e sabor das línguas.

A PIRRALHA

Valfredo Melo e Souza

Há tempos acompanho o Fórum Mundial Econômico, em Davos, Suíça. Soluções abortadas. Inócuas. Este ano, 2020, consigo ver uma luz no fundo do poço: Greta Thunberg, nascida aos 3 de janeiro de 2003, em Estocolmo, Suécia, (a pirralha) ativista ambiental. O aquecimento global avança.

Diagnosticada com Síndrome de Asperger (TDAH), transforma isso em “superpoder” e é vítima de constantes “bullings” por parte de governantes mundiais e da mídia. Não se abala. Na COP24/2018 (Conferência das Nações Unidas pelas Mudanças Climáticas), observou: *Você só fala em seguir em frente porque você está com muito medo de ser impopular...*, o que nos sugere a leitura de Inês Stanisiere, “**Das coisas escondidas dentro de mim e que dão medo**” (Editora Letramento): “... a única coisa sensata a fazer é puxar o freio de emergência...”

Em outra ocasião: “*estamos enfrentando uma crise sem precedentes que nunca foi tratada como uma crise e nossos líderes estão agindo como crianças*”... “*nós precisamos acordar e mudar tudo!*”. “*Nós não podemos mudar o mundo jogando pelas regras, porque as regras precisam ser mudadas*”.

Ela foi criticada pelo 1º Ministro da Austrália Scott Morrison, pela chanceler alemã Ângela Merkel, pelo presidente russo Vladimir Putin, o norte-americano Donald Trump, pelo presidente da França Emanuel Macron, pelo 1º Ministro italiano Giuseppe Conte e até pelo presidente Jair Bolsonaro, que a classificou de pirralha. “Ela simplifica demais as questões ambientais complexas envolvidas”, dizem.

Greta continua pregando para que se abandone o uso dos combustíveis fósseis em prol do ambiente sustentável. O Secretário do Tesouro dos EUA, Steven Mnuchin reage: “Ela é economista-chefe? Depois de estudar economia na faculdade ela pode voltar e explicar isso para nós”.

Ironicamente Greta afirma que não precisa ser diplomada para saber que o mundo não está cumprindo suas metas climáticas.

E em dezembro de 2019: “*os povos indígenas estão sendo literalmente assassinados por tentar proteger a floresta do desmatamento ilegal*”. “*É vergonhoso que o mundo permaneça calado sobre isso*”.

Não é preciso ser doutorado em Bioeconomia (como querem os cartolas) para deter o desmatamento. Culpar os indígenas pelo desgaste da terra é visão ultrapassada, pois o índio (que já está quase um homem branco na visão de um governante) tem técnica de descanso da terra, ora deturpada com o contato com os “brancos” (pensamento de Euclides da Cunha em *Os Sertões*).

Anos atrás o cacique Awalukumã Waurá assim falou junto ao seu Parlamento, a “Casa dos Homens: “*Queremos saber o que está acontecendo. Antes nós sabíamos quando a chuva ia chegar; quando ia parar e voltar; agora não sabemos mais. Antes, o rio tinha uma altura, agora parece secar; é possível andar por ele com água na cintura. Na beira do rio, estão secando os lugares onde pegamos barro para a cerâmica, tão importante para nós. Diminuíu o sapé de cobrir as casas; sumiu a embira de amarrar; tudo isto está sumindo, até o material que usávamos para fazer arco e flecha. Antes fazíamos a roça e sabíamos controlar o fogo. Agora ele espalha*”. (*Leão Serva. Obituário Folha de São Paulo*). No momento do evento Davos/2020, o fogo está grassando pela Austrália, Canadá, EUA, pelo mundo.

O velho cacique faleceu às vésperas deste Encontro Mundial (17 dez) aos quase sessenta e cinco anos de idade, em Canarana, MT. Nossa homenagem ao grande guerreiro das causas ambientais (que não frequentou faculdade de economia).

COMUNHÃO

Olga Savary (*)

a Carlos Felipe Moisés

Por que escrevo?
Porque sou
pouca e mínima
embora vária,
porque não me basto,
escrevo
para compensar
a falta,
porque não quero ser
só raiz e haste
e preciso do outro
para dar sombra
e fruto.

* (1933 - 2020)

SOL NENHUM

Fernando Py (*)

A Carlos Augusto Corrêa

Não te enganes: a rútila candência
que os rostos esbraseia não é pura
vibração de cristal, ou transparência
sem véu, de aérea e cálida estrutura.
Nem fúlgidos clarões rompem a escura
cortina de reflexos, na imanência
do próprio ser obtuso que perdura
por detrás da aparente resplandência.
Dolosa limpidez que se propaga:
como impedir essa mordente chaga
de obliterar os corpos um a um?
Como evitar em meio a tanto logro
esse falaz luzeiro, teu malogro,
claridade ilusória, sol nenhum?

* (1935 - 2020)

CORONA VÍRUS - 19 (RETRATO À LA MINUTE)

Adalberto Alves (*)

*que ameaça está coroando este viver
que pôs o medo em nosso peito?*

*um halo de morte e de silêncio
espalha na cidade o seu dissídio.*

*que indecisa solidão emerge
como negro orvalho que oculta
a glória da manhã que teima ainda?*

*o dia parece um beduíno amarrado
no meio de um deserto em chamas.*

*que esperança é 'inda possível
se pigmeus derrotam gigantes
na batalha sombria que trepa p'lo ar?*

*uma orgia funesta vem dos interstícios
e tudo desmorona com seu bafo.*

*o pensamento torna-se um sussurro
e, dos passeios, evaporam-se passadas.*

*a verdade é um garatujo à deriva,
errando como sangue vagabundo.*

*onde pararão os humanos, então,
se desconfiam da sua própria sombra?*

*ei-los suspensos de um sopro
porque se torna difícil respirar
à beira das falésias indizíveis.*

*e, no entanto, ó meus amigos caros,
é só a Natureza-Mãe que se apressa
a limpar a nossa casa imunda.*

(*) Escritor, jurista, crítico, tradutor e ensaísta português (Lisboa, 1939), autor, dentre outros, de "O gume e o tempo", "Meu coração é árabe", "História breve da advocacia em Portugal", "Portugal e o Islão Inicial" e "Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa", está comemorando 40 anos de vida literária.

À MARGEM

Altino Caixeta de Castro

À margem de minhas
estradas de papel
é que planto os meus lírios.

Oferto aos peregrinos
meus papiros,
minhas púrpuras,
minhas rosas,
meus delírios.

ORLANDO DA COSTA, O ESCRITOR PERSEGUIDO

Adelto Gonçalves

I

Quem quiser saber a fundo o que foi o reino de trevas do regime salazarista (1933-1974) não pode deixar de conhecer a obra do romancista, teatrólogo e poeta Orlando da Costa (1929-2006), que, nascido na antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, em Moçambique, numa família goesa de brâmanes católicos, e criado em Margão, na Índia, viveu em Lisboa desde os 18 anos de idade, tendo exercido a profissão de redator publicitário. E que ainda hoje tem o seu nome ligado à história de Portugal, pois é seu filho António Costa, primeiro-ministro do governo português desde 2015 e secretário-geral do Partido Socialista desde 2014.

Militante comunista desde os anos da juventude, sua produção como literato sempre esteve ligada umbilicalmente àquela ideologia, embora em seus versos, romances e peças de teatro arte e ideologia “resolvam-se num corpo único, harmônico”, parafraseando-se aqui uma observação da ensaísta brasileira Maria Lúcia Lepecki (1940-2011), professora universitária radicada por muitos anos em Portugal, sobre o seu fazer poético.

Para homenagear o que seria o 90º aniversário desse notável escritor, a *Revista Vértice*, de Lisboa, publicou, em seu número 192, de julho-agosto-setembro de 2019, um *dossier* sobre a vida e a obra de Orlando da Costa, reunindo seis ensaios e sete prefácios e posfácios às obras do escritor, além de uma entrevista (pouco conhecida) dada por escrito ao padre goês Eufemiano de Jesus Miranda em 1988 e que veio a ser publicada em *Oriente e Ocidente na Literatura Goesa: Realidade, Ficção, História e Imaginação* (Goa, 2012).

Como introdução há o texto “Podem chamar-lhe Orlando”, do investigador brasileiro Everton V. Machado, doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Paris-Sorbonne/Paris IV (2008) e professor auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, profundo conhecedor da literatura indo-portuguesa, que faz uma apresentação dos demais textos.

II

Em 1961, Orlando da Costa publicou o seu primeiro romance, *O Signo da Ira*, que recebeu o Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa. À época, os exemplares foram apreendidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide), organismo estatal de inspiração fascista do regime salazarista, tal como tinha acontecido com três livros de poesia anteriores: *A Estrada e a Voz* (1951), *Os Olhos sem Fronteira* (1953) e *Sete Odes do Canto Comum* (1955), reunidos depois em *Canto Civil* (1979).

De *Signo da Ira*, Maria Alzira Seixo, professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, diz, em seu ensaio “A ficção de Orlando da Costa: inscrições narrativas da terra e do humano”, que este é talvez o grande

romance da ex-Índia portuguesa na História literária portuguesa. “É um romance de amor à terra e de amores na terra, cantando a juventude e a inocência, deplorando o agro perdido e o vigor da criação estiolada, devido ao sofrimento e à maldade gananciosa”, diz.

Como observa Hélder Garmes, professor livre-docente da Universidade de São Paulo, no ensaio “Colonialismo e conflito cultural em *O Signo da Ira* de Orlando da Costa”, o romance trata dos curumbins, que, em termos de castas, equivaleria aos sudras, isto é, uma casta que se caracteriza por executar trabalhos braçais pesados na lavoura, trabalhos de limpeza, entre outras atividades pouco prestigiadas socialmente”.

III

O mesmo trágico destino viria a ter o romance *Podem Chamar-me Eurídice*, concluído em 1963 e publicado em 1964, apreendido pela Pide dois meses depois de lançado. O livro, que reflete a experiência de vida do autor na década de 1950, seu tempo na universidade, constitui “o retrato de uma situação típica dos anos 60, a repressão contra a chamada subversão universitária, levada até à violência extrema do assassinato pelos agentes da Pide”, como observou o crítico e historiador Alexandre Pinheiro Torres (1923-1999) no ensaio “Os imprescindíveis nexos “mito-realidade” e “morte-transfiguração” num notável romance do *underground* antifascista português”, publicado à guisa de prefácio na terceira edição do livro (1985) e reproduzido no *dossier* de *Vértice*.

O terceiro romance de Orlando da Costa, *Os Netos de Norton* (1994), igualmente reconstitui as lutas políticas em Lisboa, desta vez abordando a geração que lutou contra os estertores salazaristas da campanha de Humberto Delgado (1906-1965), o “general sem medo”, que foi derrotado nas urnas em 1958 num processo eleitoral considerado fraudulento, passando pela “primavera marcelista”, liderada por Marcello Caetano (1906-1980), último presidente do regime salazarista, até o 25 de Abril, movimento que derrubou o Estado Novo, vigente desde 1933. Este livro lhe valeu o Prémio Eça de Queiroz, da Câmara Municipal de Lisboa.

Para Maria Alzira Seixo, estes romances já seriam suficientes para consagrar Orlando da Costa, mas o autor publicou ainda *O Último Olhar de Manú Miranda* (2000), que “exibe elevado grau de complexidade narrativa-descritiva (em simultâneo) que não tem sido assim tão frequente na ficção portuguesa”. É um livro que narra a vida de Manú Miranda, que seria um *alter ego* do autor, mostrando como viviam e se relacionavam goeses e visitantes, a partir de uma saga familiar que passa pela colonização britânica, pela luta do líder indiano Mahatma Gandhi (1869-1948) e a Segunda Guerra Mundial, seus costumes, crenças e idiossincrasias e preconceitos, como observa Maria Alzira Seixo, para quem a obra pode ser considerada uma espécie de *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1509-

1583), o livro de viagens português mais conhecido no mundo.

IV

Orlando da Costa é filho do goês Luís Afonso Maria da Costa e de Amélia Maria Fréchaux Fernandes, nascida em Moçambique. Ao contrário do que se lê no Wikipedia, Amélia Maria não descende de mãe francesa. Aliás, os Fréchaux não são franceses, mas, sim, mestiços moçambicanos, de origem mauriciana, e muitos ainda vivem em Moçambique e outros em Portugal.

Orlando casou-se primeira vez com a jornalista Maria Antónia de Assis dos Santos (hoje mais conhecida como Maria Antónia Palla), com quem teve uma filha, Isabel dos Santos da Costa (1957-1960), que morreu num acidente de viação, e um filho, o político António Costa. Divorciaram-se em 1962. Orlando casou-se segunda vez com Inácia Martins Ramalho de Paiva, da qual teve um filho, o jornalista Ricardo Costa.

Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, não conseguiu estabelecer-se como professor porque a Pide emitiu parecer negativo. Como publicitário, integrou durante vários anos a agência Marca, onde chegou a diretor-geral. Trabalhou, entre outras marcas, com a Ford, Volkswagen, Nestlé e Páginas Amarelas.

Durante a ditadura, chegou a apoiar a candidatura do general Norton de Matos (1867-1955) em 1949, mas desistiu antes das eleições em razão da falta de liberdade e de possíveis fraudes eleitorais. Por sua militância, foi preso três vezes pela Pide, tendo permanecido, na última vez, na cadeia de Caxias durante cinco meses. Militou no Movimento de Unidade Democrática (MUD) Juvenil e no Partido Comunista Português, organismo que serviu de 1954 até a data de sua morte.

Poucos dias antes de falecer, a 5 de janeiro de 2006, recebeu das mãos do presidente Jorge Sampaio o grau de Comendador da Ordem da Liberdade. É autor ainda das peças de teatro *A como estão os cravos hoje?* (1984) e *Sem Flores nem Coroas* (1971). Esta última peça igualmente remete para as memórias da presença colonial portuguesa no Estado da Índia, como observa Filomena Gomes Rodrigues, doutora em Estudos Portugueses pela Universidade Aberta, em ensaio também publicado neste número especial de *Vértice*. O *dossier* inclui ainda textos de Mário de Carvalho, Daniela Spina, José Manuel Mendes, Luiz Francisco Rebello, Gonçalo M. Tavares, Rosa Maria Peres e Ana Margarida de Carvalho, além de um posfácio do próprio Orlando da Costa para o seu livro *Podem Chamar-me Eurídice* (1974).

POESIA E SEUS ENCANTOS

Sólina Genuina dos Santos

Maravilhoso define uma beleza no extremo de seu significado. É uma palavra que encanta e que estabelece uma ponte até o interior de nosso ser, enlevando o espírito ao sublime. É um contato entre o divino e o humano. Não é exagero quando se lê *Fanaís dos Verdes Luzeiros* (Editora Penalux, 2019), livro do Diego Mendes Sousa. Traz em seu interior poemas que são cintilações em um lirismo nato do poeta.

Já a capa mostra o bom gosto do autor, pois traz a pintura de Henri de Toulouse-Lautrec retratando Vincent van Gogh entregue ao absinto em um bar parisiense. Trata-se de dois artistas no final do século XIX e começo do XX, que trabalhavam cores fortes e brilhantes, tidos como pós-impressionistas. Tomei o livro e iniciei a leitura meio cautelosa no afã de entender seus versos. Sabem como me senti? Parecia que estava chegando a uma grande e bela cidade misteriosa, por mim desconhecida.

O livro está dividido primeiramente em três Reflexões, seguindo *Estilhaços do Tempo*, quando são apresentados poemas em uma série de *Fanaís*, um leque de assuntos em versos livres. A terceira parte trata das *Âncoras da Memória*, onde foge do rigor dos versos e apela para a prosa sem deixar de lado belas metáforas, embora, não resistindo o hábito, termine o escrito com significativos poemas.

A primeira *Reflexão* mostra em dois versos, um firme acreditar na literatura, mas não se esquece de “calçar os pés”, comparação que fala muito da consciência poética. Na segunda *Reflexão* ele define a poesia como “um enigma que não se escreve”. Em se afirmando, explica: “Sou apenas um poeta sem ritmo de escrita”. Na *Reflexão* três mostra como veio seu “raciocínio poético”. Diego descreve sua arte

crescendo ao lado de mestres internacionais e nacionais, entre outros o austríaco Rilke, a amazonense Astrid Cabral e, seguindo pelo Brasil afora rumo ao Rio Grande do Sul, encontrou José Santiago Naud. São vinte e quatro poetas de quem herdou “a dissonância sem arbítrio que há entre o humano e a proposta encantatória do eterno”.

Fanaís dos Verdes Luzeiros representa o farol que o autor usa para expressar novas inspirações poéticas, a arte em palavras luzentes. Seu nascimento é descrito no imaginário: “Era meado de julho / quando mamãe / sagrou o seu ventre / na dor dos girassóis: o meu choro comovido / de circular na luz”. Em versos de *Fanal das Estações*, esclarece: “A poesia quer-me lúcido para morrer bem / em seu delírio de sombra e claridade”. Então fico a imaginar de onde lhe vem todo esse cantar, mas, na mesma poesia, completa: “Talvez na infância? / Talvez no umbigo da estadia materna? / De pronto, na calada dos abismos infernais”.

Que coisa mais dura de pensar! Seguindo, o poeta busca inspiração no que lhe vem de tempo histórico, com *Fanal do Juliano Hodierno desde Roma*, em um duro questionamento: “O que me faz bruto? Quem me apedreja o ser?” No final quase imita Júlio Cesar: “Até tu, Deus?”

A capa do livro moldou o autor nas cores fortes retratadas no Vincent van Gogh irrelatado: “A noite desabou em fúria. / A oeste, o crepúsculo em diversos tons / sangrava sua vertigem de fim: / um azul, um leve branco, uma cor obscura, / um amarelo escondido, um alaranjado alarmante / que traduzia a vida em tristeza enraivecida”. No final completa: “- Vincent van Gogh estrelado (brilhante!) / a pincelar almas, fogo, / o insanável mesmo no navalhado corpo / das cousas não reveladas”. Tratando de nosso astro rei, Diego define: “O sol é um olho alérgico /

sobre a orfandade que rasoura / o meu mistério de condor / enfurecido de sonho”. No *Fanal do Nascimento do Tempo*, afirma: “A tortura é a minha passagem de navegante eterno. / Posso naufragar em amor e fazer cintilar as estrelas do céu”. Poxa, quanto poder tem a poesia! Forte é o sentimento aqui descrito, fortaleza é a certeza do poeta em conviver com a natureza que se lhe apresenta.

Em *Fanal do Torção Reencontrado* a poesia resvala em uma busca: “No tempo em que a morte / começar a se avizinhar da vida / e a manhã for outra solidão amarga. “Trei reencontrar a Pasárgada da minha infância, / irei reviver Innisfree, / e o vidro calado dos olhos será / a Parnaíba reencontrada, / a Ilha Grande, o mar da Pedra do Sal, / o Porto dos Tatus, o Carnaubal em silêncio...”. Diego quando jovem deve ter lido Manuel Bandeira e W. B. Yeats, criadores de lugares imaginários que o fizeram criar também sua *Altaíba*.

Em *Fanal do Ímpeto Profético*, Diego determina: “Quero que a poesia seja o tempo / que não passa de um mistério revelado. (...) / Quero que o poema / reserve o rosto de ontem / e que a beleza persista / em permanecer / no passado. (...) / Quero o minuto dos deuses, / a música da musa impávida / e o olhar do poeta encantado”. Acredito que é a busca da felicidade, porque todo o poema resvala para esse desejo escondido, incógnito.

Mas o livro prossegue com uma terceira parte, *Âncoras da Memória*, onde a poesia ressurgiu ao longo das páginas, com rica subjetividade, belas metáforas e com um pensamento que se quer lógico. Deixo este assunto para outra oportunidade e aponto com a certeza de que irá encantar os leitores que se deixarem envolver nos mistérios ocultos por serem descobertos poeticamente.

DOIS MINICONTOS

Glauber Vieira Ferreira

SÍTIO DO PICA-PAU AMARELO

— Está pensativo, Bento.

— Penso em escrever para crianças, Purezinha.

— Imagino que terá alguma inspiração com os filhos que já temos.

— Sim... penso também em algo original, que retrate nossa realidade.

— Vamos jantar agora. Quem sabe as ideias lhes vêm depois.

Monteiro Lobato se levanta e tropeça no chão, mandando os filhos para um lugar pouco recomendado.

Ele se levanta e pega o motivo do tropeção, uma boneca de pano cabeluda e colorida.

"Peraí... acho que tive uma ideia..."

O SORRISO

Está sentada em frente ao pintor, servindo como modelo para um quadro, mas se incomoda em ficar parada por tanto tempo.

Começa a pensar na família, nos amigos, e nos pequenos desacertos de relacionamento entre as pessoas que conhecia.

Sorri discretamente ante a lembrança de alguns fatos ocorridos e logo é interpelada pelo artista.

— Senhora Gioconda?

— Desculpe, senhor Leonardo, se meu sorriso atrapalhou seu retrato. Sei que devo me manter o mais imóvel possível. Estava pensando em coisas que fizeram minha alma sorrir.

— Pelo contrário. Gostei do seu sorriso. Tem um quê de mistério. Mantenha-o, por favor. Acho que será um dos grandes diferenciais de seu retrato...

Do livro *Observadores de formigas*

DEUS EX MACHINA

Antonio Cicero

Farei ainda mais um decassílabo e mais um soneto e ainda por cima invocarei, só por questão de rima, figuras mitológicas, feito Ícaro,

cativo do labirinto que Dédalo, seu pai, artífice também das asas que brindariam ao filho, bipétalo, seu mergulho no azul, arquitegara.

Dédalo explicou a precariedade do artefato de papel e casqueira, geometria mística e goma-arábica

solúveis ao sol. Mas agora é tarde e rasga a geringonça o céu à beira do nada

seu destino

sua dádiva

O DILEMA DA LITERATURA CINEMATOGRAFICA

Gilmar Duarte Rocha

Acredito que o prezado confrade e amigo que muito estimo Edmilson Caminha, cinéfilo de carteirinha, já tenha recorrido algo sobre a interação entre Cinema e Literatura em um dos seus brilhantes livros de ensaios e crônicas, e o fez, certamente, com muita propriedade e com a competência que lhe é magnânima.

Certo dia passado, não me lembro quando, acabava de assistir a um filme em um desses complexos cinematográficos de Brasília, por sinal, empreendimentos dotados de salas de exibição de excelente qualidade, que praticam preços módicos e que são dotados de ambientes agradabilíssimos.

O filme era *“On the road”*, com título em inglês apenas, inspirado no livro clássico homônimo do líder do movimento beat americano Jack Kerouac, livro publicado e republicado por diversas editoras brasileiras, acompanhado sempre do subtítulo *“Pé na estrada”*, que faz uma tradução livre do título, mas que espelha na realidade o espírito e o leitmotiv da história.

O que me chamou a atenção nessa produção e que me deixou intrigado, era que a versão em tela era por demais superficial (mesmo descontando o limite aceitável de 120 minutos para uma produção de cinema) e que a dinâmica ajustada à película rodava dois compassos atrás do original literário.

Não querendo me aprofundar nos detalhes acerca do livro e a respeito do filme, lanço à luz da ribalta um problema recorrente em que versões cinematográficas de livros consagrados ou não; laureados ou não; best-sellers ou não, que é decorrente de vários motivos, contudo, para abreviar, restrinjo-me a dois: o imediatismo de faturar pecúnias e láureas em cima de clássicos e de best-sellers literários e a falta de jogo de cintura do roteirista (ou adaptador) no manejo da arte chamada literatura.

Similares ao caso *“On the road”* são muitos. Podemos citar exemplos recentes como *“O retrato de Dorian Gray”*, de Oscar Wilde; de *“Drácula”*, de Bram Stoker; *“Grandes expectativas”*, de Charles Dickens; *“Orgulho e preconceito”*, de Jane Austen; *“O grande Gatsby”*, de F. Scott Fitzgerald, ou *“A letra escarlate”*, de Nathaniel Hawthorne. O espectador que leu o livro e buscou ver a materialização dramática da obra que ele apreciou em várias dezenas ou centenas de páginas lidas, saiu da sala de exibição com um misto de sentimento de frustração, de inculcação, de intriga, ou, no mínimo, de perda de tempo e de dinheiro. Pelo menos, esse foi o meu caso, pois, como já dizia um conhecido marchand de artes, gosto não se discute e sempre fica a critério do freguês. Ou seja, você pode consumir uma obra mal passada, ao ponto, bem passada ou tostada como carvão. O critério fica ao gosto do cliente.

De volta ao nosso assunto, podemos citar, também, casos de várias tentativas de versão para o cinema de um grande livro, como o clássico *“O conde de Monte Cristo”*, de Alexandre Dumas, que já foi vertido diversas vezes, em tempos diferentes, e cada versão ficou uma pior do que a outra, ainda mais quando o espectador é um leitor como eu que já leu a densa obra do escritor francês três vezes, em três períodos distintos de minha vida. Nesse exemplo pode se fazer uma ressalva devido à dinâmica do livro, que apesar de conter uma série de trechos cinematográficos, e a história segue a lógica de uma novela em forma de compêndio, há de se ponderar que o grande mérito do produto do autor

de *“Os três mosqueteiros”* reside no engendramento de fatos históricos, de costumes, de geografia, de geopolítica, apimentado pelos trechos de engenho, tramas e planos de vingança, uma grande miscelânea que fez do livro o quarto livro mais lido de todos os tempos, segundo o blog da editora Saraiva.

Há episódios em que se deveria processar o responsável pela produção, e não o roteirista, como foi o caso de algumas versões irresponsáveis para o cinema do maior clássico da literatura, *“O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”*, pois esse livro é bastante peculiar, como bem define o colunista de artes da UOL, Leonardo Rodrigues: *“Uma das características definidoras de ‘Dom Quixote’ não está exatamente na história que o livro conta, mas na forma em que ela é contada. Segundo estudiosos da obra, existe um tipo de conexão pessoal entre o texto e o leitor, algo problemático de ser reproduzido via artifícios do audiovisual”*.

Existem outros tipos de versões que tiveram enorme êxito na telona, espelhando em parte o conteúdo do livro base, mas o que se questiona aqui não é a qualidade do filme, e sim a propriedade do livro. Peguemos o exemplo de *“Quo Vadis?”*, obra de *Henryk Sienkiewicz*. Seria esse livro um folhetim ou um enredo de cinema convertido previamente em livro? Há casos semelhantes a esse, como *“E o tempo levou”*, de Margaret Mitchell; *“O tesouro de Sierra Madre”*, de B. Travençolo; *“Um estranho no ninho”*, de Ken Kesey; *“Perdidos na noite”*, de James Leo, dentre outros e vários.

A pergunta que corrobora essa assertiva de livro/roteiro: alguém guarda, por acaso, nas preciosas estantes de sua biblioteca particular um exemplar sequer deste tipo de livro?

Uma história interessantíssima que envolve essa relação escritor/roteirista é a da conhecida novelista Patricia Highsmith, a criadora de um dos mais famosos personagens do cinema, Tom Ripley, o famoso anti-herói. A escritora americana, sempre assediada pela indústria do cinema, em virtude do sucesso estrondoso nas telas da sua produção de suspense, mormente na versão francesa *“O sol por testemunha”*, dirigido pelo talentoso cineasta francês René Clément, tendo o personagem Ripley sido interpretado pelo famoso e competente Alain Delon, passou o resto da vida tendo que recorrer a versões e versões de Tom Ripley (*“Ripley embaixo d’água”*, *“Ripley subterrâneo”*, *“O garoto que seguiu Ripley”*, por aí vai).

Para não dizer que não falei das flores e para não me *“crucificarem”* por achar que livro bom não pode ser vertido em filme, lembro que existem casos excepcionais, poucos, mas excepcionais, com *“O leopardo”*, grande romance de Lampedusa, levado para o cinema pelo genial diretor Luchino Visconti; *“A cor púrpura”*, de Alice Walker; *“Vidas Amargas”*, versão de *“A leste do Éden”*, de John Steinbeck; também do mesmo Steinbeck, a conversão do livro *“Vinhas da Ira”*, estrelada no cinema por Henry Fonda, recebendo prêmio de público e crítica, e *“O velho e o mar”*, de Ernest Hemingway.

Enfim, minha lembrança é vaga de bons livros que viraram bons filmes. Todavia, espero, de coração, que possamos escrever com mais e mais qualidade, dentro da linha de literatura que se possa converter em película, e que venhamos a ter ótimos filmes; baseados em livros consistentes.

Ah! Não esqueçam o saco de pipoca.

HAROLD BLOOM E O CÂNON

Ana Miranda

N a literatura, sempre tive meus livros favoritos, e sempre soube que cada pessoa tem seus livros favoritos. Mas há um mistério nisso. Por que certos livros são preferidos por tantas pessoas? E pessoas tão diferentes? Por que passam por gerações de leitores e se tornam clássicos? Por que são eleitos em tempos diferentes, lugares diferentes, motivos diversos, pessoas diversas, situações diversas, se nada há de comum entre eles?

A leitura de *O Cânon Ocidental*, de Harold Bloom, desvela algo sobre esse enigma, isolando as qualidades que os tornam canônicos. Bloom era professor na universidade de Yale. Ensinava Shakespeare havia trinta anos, quando observou uma mudança de rumos na escolha dos livros a serem estudados, eleitos por professores, eleitos para receber prêmios.

Um livro era agora escolhido mais por questões políticas do que literárias. Livros escritos por negros, mulheres, mulheres negras, vítimas de guerras, lésbicas, enfim, por pessoas que sofrem as adversidades humanas de nossa época, passaram a ser preferenciais. Dos livros feministas, marxistas, lacanianos, novos historicistas, semióticos, Bloom declarou: *“Sou contra todos”*. Viu, com nostalgia, o *“mundo culto”* a desmoronar.

Chamou esse movimento de *“escola do ressentimento”*, tomou de suas armas, as palavras, e escreveu *O Cânon Ocidental*. Seu cânon elege escritores consagrados pelo tempo, desde Shakespeare, que ele considera o criador da humanidade, Dante Alighieri, Cervantes, Montaigne, Molière, Milton, Goethe, Emily Dickinson, Jane Austen, Dickens, Whitman, Tolstói, Dostoiévski, Freud, Kafka, Joyce, Beckett, Proust, até Virginia Woolf, e outros.

O livro tornou-se guia para anônimos e silenciosos amantes da literatura que esperam vir de algum lugar uma luz para saberem o que ler, como ler e o que esperar das leituras. São 26 autores, que Bloom considera obrigatórios. Certo é que cada pessoa que faz a leitura do cânon se transforma, se apaixona, se engrandece, como se passasse a viver num tom maior.

Estranho para nós, brasileiros, percorrer as páginas desse livro; uma sombra vai se adensando, à medida que chegamos ao final: não há nenhum autor da nossa literatura. Lá não estão nem Guimarães Rosa, nem Machado de Assis, nem Clarice Lispector, nem o padre Vieira, nem mesmo Camões. Sentimos uma espécie de segregação, o que nos põe de certa forma dentro da escola de ressentimento. Encontramos, num dos últimos capítulos, Borges, Pessoa e Neruda, como se Bloom se determinasse a abrir uma fresta para ecos de línguas distantes.

Harold Bloom era a maior estrela da crítica literária, e não apenas em seu país. Sua fala clara e contundente o tornou um autor de grandes best-sellers. Com a sua morte, há alguns dias, talvez tenha terminado um tempo. O tempo da leitura solitária, íntima, encantada, o tempo dos escritores geniais e dos livros grandiosos, da irrelevância das ideologias na hora de ler, o fim do predomínio dos dead white males, os autores homens brancos já mortos. O fim dos livros sagrados. O fim da palavra como arte. Como se com Bloom terminasse o reinado de séculos de algo que tornava a comunhão entre um ser humano e um livro uma pedra fundamental. O mundo está mudando.

A GEOGRAFIA DOS AUTORES E SUAS OBRAS (3)

Aldo Paviani

Prossigo no exame da forma como alguns autores tratam componentes geográficos (espaços geográficos, cidades, bairros, regiões, países, territórios), em suas obras. No primeiro artigo escolhi o escritor italiano Umberto Eco, em sua obra *História das terras e lugares lendários*, onde mostra cidades, montanhas, países com ricas ilustrações renascentistas e mapas esquemáticos próprios do rudimentar conhecimento da cartografia à época, em relação aos mapeamentos atuais. No segundo escrito, analisei como Machado de Assis, em *Quincas Borba*, descreve as cidades e regiões com ênfase no Rio de Janeiro, pois seu personagem tinha residência na então capital do Império e da República iniciante.

Nesta terceira matéria, me interessei pela obra de Afonso Henriques de Lima Barreto – *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Editado pela Companhia das Letras, o livro possui 367 páginas. Na capa está informado que é ficção. Todavia, há fortes componentes da realidade do final do século 19, início do século 20.

Lima Barreto se mostra pouco afeito à narrativa dos elementos geográficos em que se insere seu personagem. Os ambientes da narrativa mostram, sobretudo, o Rio de Janeiro e seus bairros. Os editores, de início, salientam que “em 1900, o escritor deu início aos registros do *Diário Íntimo*, com impressões sobre a cidade e a vida urbana do Rio de Janeiro”. A obra é a 3ª impressão da editora e contém vários capítulos inseridos em três Unidades (“Partes”), é antecedida pela Introdução de Lília Moritz Schwarcz, com Prefácio de Oliveira Lima. Para o entendimento da narrativa de Lima Barreto, foi necessário intercalar o texto com 293 notas de rodapé, tarefa a que se encarregaram Lília Moritz Schwarcz, Lúcia Garcia e Pedro Galdino. As notas se tornaram necessárias para informar sobre patentes de militares da época, informar sobre efemérides de personagens reais referidos na trama, “traduzir” as gírias de então e indicações para tornar compreensível a narrativa. Nas notas há muitas referências geográficas, das

viagens dos personagens para o exterior, sobretudo para a Europa e a determinados países.

Ressalte-se que Policarpo Quaresma, o *alter ego* de Lima Barreto, se mostra nacionalista, crítico ferino dos costumes da época, inclusive do papel de certos militares, cujos nomes são revelados no texto. Ademais, Policarpo por ser nacionalista talvez tenha sido precursor da causa indígena, pois desejava que o governo tornasse o tupi-guarani língua nacional.

Lima Barreto publicou o *Triste Fim de Policarpo Quaresma* em 52 folhetins no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Por se tratar da cidade carioca, é usual encontrar topônimos até hoje mantidos na geografia do Rio: logo surge a Ilha do Governador, onde o pai de Lima Barreto – João Henriques de Lima Barreto – foi sendo promovido de escriturário a almoxarife e administrador das Colônias de Alienados, existentes na ilha. Aliás, à página 39, há referência a que, por erro nos balanços financeiros como escriturário, o pai enlouqueceu e Lima Barreto retornou ao Rio com ele. Na ilha do Governador, é feita referência ao desembarque de “revoltosos (da marinha) no Galeão”. Lima Barreto ao chegar à ilha, após longa viagem de trem vindo de colégio interno, declarou ter 12 anos. E se preparava para estudar no Liceu Popular de Niterói. A cidade fluminense, diga-se, é muito citada em toda a obra, apesar das dificuldades da travessia por mar causadas pelos motins dos marujos.

Ao final do século 19, havia intercâmbio cultural com a Europa e muitos intelectuais viajavam a Paris. E, por estranho que pareça, a revista Niterói é fundada na capital francesa por Manuel Araújo Porto Alegre e Domingos José Gonçalves de Magalhães. À página 83, o autor indica que o “major [Quaresma/Lima Barreto] conhecia sofrivelmente o francês, o inglês e o alemão” e possuía em sua biblioteca livros de autores nesses idiomas: “se não falava tais idiomas, os lia e os traduzia corretamente”.

À época, o violão ainda não era instrumento popular. Mesmo assim, Lima Barreto [Quaresma] se encontra com o violeiro e poeta Ricardo Coração dos Outros para aprender a tocar violão, muitos o olhavam de

esquelha. Mas, Ricardo Coração dos Outros era popular em bairros como Méier, Piedade e Riachuelo. Igualmente, em festas e bailes para a “burguesia de Petrópolis e de Botafogo”. Com o tempo o violeiro ficou famoso até em bairros como São Cristóvão e Botafogo (bairro afamado no Rio de Janeiro, à época). A Quinta da Boa Vista é referida pela fama de localizar as “moradias imperiais”. Os ensinamentos musicais ocupam grande espaço no livro porque Ricardo Coração dos Outros insistiu em ensinar Quaresma a se familiarizar com o instrumento. Longas e pacientes conversas para que ele aprendesse a dedilhar e acertar as escalas. A cantoria e as modinhas acabaram envolvendo outros personagens na trama. O assunto ligado à aprendizagem musical dá oportunidade de o leitor se familiarizar com a geografia do Rio de Janeiro.

No segundo capítulo, o major Quaresma se encontra com o general Albernaz – que nada entendia de guerras e obteve reforma, ao tempo em que se desenvolvia a “famosa Guerra do Paraguai (1865-1870)”. Em razão do conflito, a obra traz um elenco geográfico de lugares como Lomas Valentinas, fortificações localizadas no afluente do rio Paraguai, ocupadas “pelos tropas de Solano Lopes e tomadas pelas forças aliadas em 1868”. As referências ao general Albernaz e à Guerra do Paraguai propiciaram notas de rodapé em que são citados militares e conflitos em outros países como da Roma antiga, da França, da Holanda, da Suécia, da Alsácia e da Inglaterra. Essa geografia ligada à Guerra do Paraguai retorna na Segunda Parte, Capítulo II da obra. Lima Barreto mantém conversas com Albernaz a respeito do casamento da filha do general. Este aproveita o diálogo para informar que esteve “numa trapalhada, fogo daqui, tiro dali, morre um, grita outro como em Curupaiti...” e o ataque a Sauce, “caindo sobre os paraguaios”. Em nota de rodapé 164, os organizadores informam se tratar da Batalha de Sauce, em julho de 1866, que seria chamada de Batalha do Boqueirão. Nessas notas, também a geografia é complementada com a citação de Venâncio Flores, governante do Uruguai, e do presidente Rosas, presidente da Argentina. Rosas também governara Buenos Aires.

Continua na próxima edição nº 102

OSCAR WILDE: AUTOR OU PERSONAGEM? (1)

Júlio Cezar

Oscar O' Flahertie Wills Wilde era sem dúvida um dândi, na acepção do termo, mas não nasceu no parnaso como talvez quisesse, nasceu em Dublin, 1876, desnudo com sangue avermelhado e semelhante aos demais mortais do gênero humano. Nome literário Oscar Wilde; por que um dândi? Ora, porque assim se diz daquele que se veste e se comporta com elegância, requinte, afetação e delicadeza. E, mais, diz-se também das gentes de fino trato e bom gosto e, fantástico senso estético, embora não - pertencentes a

nobreza. Assim se fez e assim comportou-se ao longo de sua existência até adentrar em regime carcerário no ano de 1895, quando, afinal, alquebrado e atingido em sua honra e amor-próprio, viu-se despojado da pompa e da elegância, logo em seguida auto exilado em Paris até o fim de seus dias. Ali, tal como renegado por vontade própria, mudou de hábitos e até de nome: Sebastian Melmoth, já que sem família e quase anônimo.

Nosso relato sobre a vida e principalmente a obra de Oscar Wilde é um resumo (press release?), decorre de

palestra realizada no auditório Almeida Fischer da ANE nos idos de outubro de 2011, se não me falha a memória. Agora, juntados os ecos da empreitada longeva, além de anotações havidas, cumpre oferecer à comunidade literária, através do deu órgão de divulgação, nosso acervo de amenidades sobre o famoso escritor, vez que ficou a palestra perdida no tempo e os apontamentos adormecidos numa gaveta furtiva e mal-frequentada da biblioteca pessoal. E por que afinal publicar agora? Primeiro porque em tempos de cólera (coronavírus/

Continua na página 11

junho / julho 2020

Continuação da página 10

quarentena), de recessão social e recolhimento às letras e leituras, segundo pela tola pretensão de alguma serventia junto aos leitores abnegados e tolerantes da instituição, também confinados à residência e mais vulneráveis aos apelos da palavra escrita. O tema da palestra já refletia a contradição essencial entre o homem e sua obra: "Oscar Wilde: autor ou personagem?!" E por assim escoava nossa dissertação em tempo real sem conseguir um plano de clivagem entre biografia e relato literário; um exemplo? "O retrato de Dorian Gray". Pronto.

O ROMANCE: UM RETRATO DE SI MESMO

O Retrato de Dorian Gray é na verdade seu único romance e retrata a decadência da moral na sociedade de sua época; esta obra torna-se símbolo da juventude intelectual decadente do seu tempo e envolve críticas à cultura victoriana, além de despertar polêmica em relação ao conteúdo homoerótico. Trata da arte em geral, da vaidade e das manipulações humanas, além de apontar estigmas de auto referência inerentes ao culto da própria personalidade. A este tempo Wilde já insinua sua insatisfação com as regras morais convencionais" Postulava: "A moral moderna consiste na aceitação das normas da época. Mas para um homem culto aceitar as regras de seu tempo é a mais grosseira das imoralidades". *O Retrato de Dorian Gray* contribuiu fortemente para a polêmica em torno de seu nome e do seu comportamento, o tema homossexualismo que aparece no romance desafiava a moral aristocrática inglesa. A rigor batia de frente.

No entanto, a partir daí, como autor de peças teatrais, dramas e comédias é que chega ao topo, ao apogeu de sua fama como festejado dramaturgo.

ALGUNS DADOS DA PESSOA HUMANA E SEU CONTEXTO HISTÓRICO

A mãe, Jane Elgee, defendeu a causa da independência irlandesa, em sua casa circulavam intelectuais e políticos libertários da cidade. Seu pai, renomado, médico oculista, Sir Willian Wilde, era figura proeminente na sociedade irlandesa, inclusive como médico da aristocracia, e desfrutava de situação financeira privilegiada. Consta ter sido médico oculista da casa Real, senão da própria Rainha Victoria.

Oscar Wilde tinha formação religiosa cristã, criado numa atmosfera familiar estritamente protestante,



Oscar Wilde e Sir Alfred Douglas

tradicional e rigorosa; estudou na Portora Royal School de Enniskillen e no Trinity College de Dublin, onde se destacou como latinista e helenista; ganhou uma bolsa de estudos para o Magdalene College de Oxford, tradicional e requintado centro acadêmico de Londres por conta da sua atuação destacada como aluno em Dublin. Estudou em Oxford até 1878, quando ganhou o prêmio de literatura Newdigate com o poema "Ravena". Passou a morar em Londres desde então começou uma vida social agitada, caracterizada por suas atitudes extravagantes. Como parte do seu crescimento intelectual, chamativo e inovador, foi convidado a palestrar nos Estados Unidos sobre suas concepções estéticas. Contrapunha a beleza como antídoto dos horrores da sociedade industrial emergente. Em 1883 viaja a Paris e ingressa no mundo literário local, declinando destarte de suas convicções estéticas originais. Retorna a Inglaterra e casa com Constance Llyd, filha de um advogado de Dublin, indo morar em Chelsea, reduto de intelectuais e artistas londrinos. O período intelectual de ouro de Oscar vai de 1887 a 1895; em 1891 publica sua obra mais famosa, "*O Retrato de Dorian Gray*" A partir daí começa um período de prosperidade social e financeira, torna-se famoso na Inglaterra e com a fama sobrevêm extravagâncias sociais e atitudes insólitas, exibicionistas bem ao seu estilo afetado, até assumir sua feição homossexual, em plena era victoriana, comportamento proibido por lei na Inglaterra! Não bastasse a própria moral victoriana então vigente, movida pela realeza no auge do seu poder sobre o estado.

Continua na próxima edição nº 102

PONTO DE EQUILÍBRIO

Jolimar Corrêa Pinto

Desejo eterno de encontrar o ponto de equilíbrio,
fundir espírito e matéria, coração e mente
e ver surgir a nova criatura, plena de consciência
para soterrar o mundo de ilusões,
dos conflitos, da violência, da morte prematura.
Busca incessante nos labirintos da mente, no
vazio da meditação, nos sons e nas cores,
nos risos e nas lágrimas, nas flores e na aridez
dos desertos de um renovar de esperanças
a cada anoitecer, a cada aurora.
Os deuses não me dão atenção
e ainda não aprendi a dialogar com o
deus que me governa a existência,
nem com aqueles que os religiosos idolatram
– e são tantos!

É tão rica a criatividade do ser humano
– para o bem e para o mal –
que nele eu vejo anjo e demônio, criador e criatura
em ascensão constante até a sublimação plena.

ENVIO

Roberto Lyra Filho

Não me lamento, porque canto,
faço do canto um manifesto.
Sequei as águas do meu pranto
nos bronzes fortes do protesto.

Acuso a puta sociedade
com seus patrões, seus preconceitos.
O teto, o pão, a liberdade
não são favores, são direitos.

COM OU SEM CORONA

Manoel Hygino

O importuno, inoportuno e perigoso vírus incomodou muito e ainda segue sua nefanda trajetória. Até quando, não se poderá fixar. O término de sua agitação pelo mundo seguirá por tempo incerto e não sabido, inquietando e executando seres humanos.

No domingo, dia 15, no Rio de Janeiro, faleceu o acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco Filho, quinto sucessor da cadeira 29, na Academia Mineira de Letras (AML), cujo patrono é Aureliano Pimentel. Foi fundador Lindolph Gomes, mas ocupada ainda por Milton Campos, Pedro Aleixo, Gustavo Capanema e Murilo Badaró.

O corpo foi sepultado na segunda-feira, 16, no mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista; não há as cerimônias protocolares, para evitar elevado número de presenças.

Em 2018, Fábio de Sousa Coutinho, com sua capacidade de compartilhamento do espírito, publicou – com apoio da Thesaurus - Editora "Juristas na Academia Brasileira de Letras", um volume extremamente útil e cujo conteúdo fazia falta àqueles que operam com as letras e o direito. Fez um bem imenso visando à "direção construtiva de um país melhor".

O maligno vírus que desceu da China serviu apenas para impedir a Bienal Mineira do Livro, marcada para maio. É quando o presidente emérito da Academia Mineira de Letras, Olavo Romano, será homenageado e se realizarão duas mesas temáticas – sobre Alphonsus de Guimaraens, com o acadêmico Ângelo Oswald, e o Legado de Bartolomeu Campos de Queiroz, com os também acadêmicos Patrus Ananias e Márcio Sampaio.

Não se perde por esperar. Por fim, o corona terá fim, Deus queira que não demore. A prazinha não vai destruir

projeto tão bonito como a bienal. Muito especialmente me alegro a escolha, porque foi Olavo que me saudou na mansão Borges da Costa, quando ali tomei posse na cadeira 23 na Academia, em ano que se vai somando a outros. Era um mineiro nascido em Morro do Ferro, no distrito de Oliveira, recepcionando o modesto autor de Montes Claros, em pleno sertão, que imortalizou João Guimarães Rosa, mas também reconhecidos escritores.

Para Rogério Faria Tavares, presidente da Academia Mineira de Letras, "quando o homenageado da Bienal Mineira do Livro de 2020 é um presidente emérito da AML, a casa se sente honrada e orgulhosa". Olavo, ao longo de sua carreira literária, dedicou a Minas Gerais o melhor da sua inteligência e de sua criatividade. Já publicou quase 20 livros, sendo 18 deles adotados em escolas de Minas e de outros estados, focalizando o jeito, a fala, a vida no interior mineiro.

CINEMA? CONSULTE O SÉRGIO AU GOOGLE...

Edmilson Caminha

A meio caminho entre literatura e imprensa, grandes escritores brasileiros fizeram melhores os jornais e as revistas em que assinavam colunas e crônicas, na segunda metade do século XX: Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Joel Silveira, Otto Lara Resende, Carlos Heitor Cony, João Ubaldo Ribeiro – e outros que, embora felizmente vivos, já não se leem como outrora, a exemplo de Affonso Romano de Sant’Anna e José Castello. Hoje, o que se pode chamar de “jornalismo literário”, ou “literatura jornalística”, perdeu espaço, mas continua graças à resistência de Luis Fernando Verissimo, Ignácio de Loyola Brandão, Humberto Werneck, Mario Sergio Conti, Ruy Castro e Sérgio Augusto – autor, este, de *Vai começar a sessão* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2019).

Os textos, sem o tamanho e a sensaboria de longas e tediosas produções acadêmicas, não chegam a ser “ensaios” sobre cinema, conforme o subtítulo, mas artigos, o que de maneira nenhuma os compromete. Excelentes artigos, com a riqueza, a sobriedade e os toques discretos de humor que admiramos em Sérgio Augusto, desde os tempos do *Pasquim*. A coletânea vale por um curso de cinema, tantos e tão substanciosos são os comentários sobre a vida e a obra dos mais importantes roteiristas, diretores, astros e estrelas da cinematografia mundial, em todos os tempos: Charles Chaplin, Orson Welles, Jean Renoir, Marilyn Monroe, Gregory Peck, Jayne Mansfield, John Wayne, Jeanne Moreau, James Dean, Hitchcock, Truffaut, Godard, Coppola, Isabelle Ruppert, Stanley Kubrick – mais os brasileiros Carmen Miranda, Alberto Cavalcanti, Lima Barreto (os dois, o cineasta e o escritor), Walter Hugo Khouri, Glauber Rocha... Profissionais do cinema a que se juntam escritores que ocasionalmente o exerceram, ou com obras adaptadas (Faulkner, também autor de roteiros, Fernando Sabino, Antonio Callado), críticos (Moniz Vianna, Paulo Emilio Salles Gomes, Vinicius de Moraes), cinéfilos ilustres (Cosme Alves Netto, Lévi-Strauss) e artistas levados à tela em documentários (como Tom Jobim).

Do tempo em que “jornalista que escreve bem” era indesculpável redundância, Sérgio Augusto evita os modelos e as fórmulas que nivelam por baixo a produção de colegas mais novos. Tome-se, por exemplo, “O jovem deus da tela”, sobre James Dean. Começamos pela abertura:

No primeiro dia de outubro de 1955, enquanto as primeiras páginas dos vespertinos cariocas apontavam o general Juarez Távora como favorito à sucessão presidencial e as seções esportivas gabavam a campanha do Vasco da Gama no campeonato da cidade, nos cadernos de amenidades a queda de braço da censura com o filme *Rio 40 graus*, de Nelson Pereira dos Santos, a condenação, “por desacato e atentado ao pudor”, da atriz nudista Luz del Fuego e as filmagens, na Europa, da superprodução *Guerra e paz* (1956), com Henry Fonda e Audrey Hepburn abafaram uma notícia que o tempo, logo, logo,

tornaria mais consequente que a derrota de Juarez para JK, os elogios da crítica a *Rio 40 graus*, o outono de Luz del Fuego e o sucesso nas bilheterias de *Guerra e paz*.

Na véspera, um jovem ator de cinema, pouco conhecido nestas bandas, morreria numa autoestrada da Califórnia, esmagado entre as ferragens de um Porsche Spyder prateado.

Veja-se como, antes de anunciá-lo, o autor contextualiza o acontecimento – quanto à política, ao esporte e à arte de que então se ocupava a imprensa carioca. Depois, a substância factual do que se transcreve: Juscelino ganha a eleição, o filme de Nelson Pereira agrada os críticos, a nudez da atriz deixa de interessar e a megaprodução estrangeira lota os cinemas. A par do que se informa sobre o trágico fim do astro: a marca, o modelo e até a cor do carro em que perdera a vida numa *highway* californiana.

Sérgio Augusto não desperdiça a riqueza do tema e ensaia, até, alguma sociologia:

Os únicos heróis da molecada da minha geração ou vinham dos gibis ou das telas ou do rádio ou dos campos de futebol. De uma hora para outra, ampliamos nossa minguada mitologia e ganhamos até ritmos dirigidos à nossa faixa etária. Minha geração foi a primeira a usufruir de uma cultura juvenil específica, autônoma, própria: da indumentária (jeans, camiseta, tênis, jaqueta de couro ou de náilon) à música (rock, bossa nova, twist) e veículos (motos, lambretas).

Dá voz, então, ao memorialista que também é: lembra haver possuído uma jaqueta igual à do ator em *Juventude transviada*, e da resistência à pressão de amigos para responder sobre James Dean no programa *O céu é o limite*, da TV Tupi... Tem pesadelo com o apresentador J. Silvestre, que lhe pergunta qual a primeira atriz escolhida para interpretar Judy no filme, e a quem, afinal, o papel fora dado:

E eu suando frio, sem saber o que responder. Aqui vai: Jayne Mansfield e Natalie Wood. E já que estou falando em *Juventude transviada*, aquela casa com a piscina vazia em que Jim, Judy e Plato (Sal Mineo) se refugiam é a mesma onde morava Norma Desmond, a crepuscular diva de *Crepúsculo dos deuses* (*Sunset Boulevard*, 1950).

Certo que o crítico escreve sobre cinema desde os 15 anos (chega aos 78, em 2020), mas impressiona alguém saber tanto sobre tanta gente, tantos filmes. O índice onomástico de *Vai começar a sessão* ocupa nada menos do que 45 páginas, cheias de mulheres que ainda povoam os sonhos de quem volta à adolescência para prestar-lhes tributo, retratadas pelo escritor com agudeza e graça.

Como Jayne Mansfield:

Nunca foi sexy, apenas patética e surreal, uma caricatura da mulher violão, uma

ampulheta de carne, pneumática e bunduda, que talvez estourasse se lhe espetassem um alfinete. Nem Betty Boop e Jessica Rabbit pareciam tão artificiais quanto ela.

Ou Carmen Miranda:

Maria do Carmo Miranda da Cunha media 1,52 metro, espaço suficiente para um par de coxas grossas e firmes, quadris de corista e seios que talvez dispensassem coletes à prova de balas, tão sólidos eram ou pareciam. Tudo isso somado resultava num vulcão, que, diante de um microfone ou de uma câmera, soltava lavas de energia, brejeirice, alegria e outras inefáveis graças humanas.

Ou Marilyn Monroe:

O olhar mormacento, a um só tempo sapeca e inocente, os lábios ligeiramente entreabertos, a voz sussurrante, a gestualidade dengosa, o rebolado voluptuoso e inimitável – nenhuma outra diva cinematográfica soube explorar seu arsenal de sedução com tamanha convicção e igual ressonância.

Tivesse de escolher a melhor página, egeria “Fazendo fita no fundo do quintal”, em que voltamos a ser os meninos que fomos, a viver na imaginação as aventuras a que assistíamos nas matinês cujas lembranças nos seguem pela vida afora:

Para ser realmente geral e completa, a história do cinema precisaria ter o registro dos bilhões de filmes fantasiados pela mente de bilhões de crianças do mundo inteiro, nas últimas oito ou nove décadas. Obras de projeção sem projetor, momentos evanescentes sem registro material, nenhuma cinemateca os conserva. Pena, pois eles dão conta do poder encantatório do cinema em estado puro, da introjeção do seu imaginário, de sua mitologia, quando não atestam uma precoce vocação para brincar à vera de fazer cinema.

Vai começar a sessão é, pois, um canto de louvor ao cinema, declaração de amor do brasileiro que foi ao Velho Oeste americano em busca dos rastros de John Wayne, e a duas referências básicas da filmografia hitchcockiana: San Francisco, para conhecer as locações de *Um corpo que cai*, e a francesa Nice, onde se gravaram cenas do *Ladrão de casaca*.

Pena que a ideia de outro livro não tenha prosperado, sobre erros e falhas hilariantes em filmes históricos: cicatrizes de vacina nos braços de Helena de Troia, Messalina e Penélope; marcas de relógio nos pulsos de gladiadores e deuses do Olimpo; o Alexandre Magno de Richard Burton a ler mapas com nomes em latim, embora vivesse na Macedônia e falasse grego.

A conclusão a que chegamos é que, em caso de qualquer dúvida sobre cinema, o melhor a fazer é consultar o especialista Sérgio Augusto. Ou Sérgio *Augoogle*, como o chamava Millôr Fernandes...